

Soliloquio de um Soldado

Por: Marta Maia da Silveira

Forte do Espírito Santo, 11 de Agosto de 1829

"Há horas que aqui estou e nada de novo. Estas alpergatas já me magoam os pés. Que estopada é estar atrás desta bombardarda que destrói tudo o que encontra pela frente. Bem diz a minha Conceição, que me devia deixar destas coisas, "...tem juízo, podes morrer e deixar viúva e órfã, sem casa e sem sustento". E tem razão. Se estes realistas nos derrotam, não sei o que será dos que, como eu, confiam que D. Maria é que deve ser a defensora do futuro deste Portugal. Corre o boato de que, ao encoberto deste tempo, vão tentar desembarcar. Alguma vez tem de ser..., mas não importa. Mesmo com esta chuvinha de molha tolos, entremeada de nevoeiro de nada se ver, neste jogo do espera, esses malditos que se cheguem, para lhes darmos cabo do canastro. Do modo que o tempo está, não tarda nada se levante, para aí, uma ventania com água, que vai acabar por me ensopar o gibão. Que dia para estar de sentinela, com o coração nas mãos, nesta infinita espera!...

Vejo, em frente, o João da Teresa, deitado e pensativo. Nem presta atenção à chuva... Coitado... Certamente a pensar no filho que morreu, com as febres da varíola. Foi uma tragédia... Aquela criança, tão nova! E Deus quis levá-la logo... A Teresa andou desvairada, por esses cerrados, durante dias, com o marido tentando convencê-la de que tinha sido a vontade do Criador... Custou a acalmá-la. Também ele nunca mais foi o mesmo. Ali, adiante, debruçado na peça que aponta directamente ao mar, está o José, filho do Ti Bento das Bicas. Quando, ontem, falei com ele, antes de nos enviarem para reforçar esta guarnição, contava-me que não sabia mais o que fazer. O pai está cada vez pior, "não atina com nada, o velho apanha cada bebedeira e ninguém o atura..., anda sempre com os copos, desde que minha mãe se foi". A vida deste meu companheiro não está fácil..., oxalá que as coisas comecem a encarrear. É que, para desgraças, já bastam as que estamos a passar com esta guerra. O D. Miguel até é bem parecido, mas as ideias é que não servem para nada. E a nossa lealdade vai para a querida rainha D. Maria da Glória. Acredito que teremos mais liberdade...

Chegou o Manuel Estafeta que trouxe a notícia com a confirmação aguardada: "Mais de quatro mil, e barcos são, entre grandes e pequenos, pelo menos vinte! É a perder de vista!..., comandados pelo Almirante Rosa Coelho que traz consigo o temível Coronel Azevedo Lemos"... Até me arrepio só de pensar no que este fez quando chegou à Madeira. Mas, aqui, vai ter de se haver connosco! Que venha, cá o esperamos!... Sei bem que os que me acompanham estão decididos a morrer por esta causa. Além, sentado, a resguardar a arma, está o Paulo que, apesar de franzino, tem uma coragem de se lhe tirar o chapéu e, mesmo ao lado, o meu primo Duarte, que não arreda pé depois da palavra dada... Homem de se contar, sempre que é preciso. Do outro lado, o Fernando da Joaquina, calado, inteligente, absorto, esculpindo com a sua navalha aqueles bonecos de madeira que tão bem sabe fazer... Decerto está a pensar no casamento, que há-de ser lá para os primeiros de Dezembro.

Desde que resolveram começar a despejar fogo sobre nós, o nevoeiro ficou mais espesso. Sorte nossa! Tira-lhes a vista e a pontaria não fica muito afinada. Mas o ribombar daquelas peças faz medo..., valha-nos Santa Catarina, que bem ouço o impacto das bombas quando batem nas paredes. Parece o fim do mundo. Decerto estes barcos trouxeram todas as munições do reino!... Não param de disparar, a massacrar estes pobres muros. O nosso Capitão já nos havia avisado "...vão atacar e disparar de longe, para nos enfraquecer. Há que aguentar até virem para terra. Aí entramos nós"... Por falar nele, onde andarás? Já não o avisto há um ror de tempo. Talvez tenha ido animar os que estão mais desprotegidos...